Revista Diversidade e Educação

TECITURAS DE SI E DO COMUM: A DOCÊNCIA LÉSBICA NA TERAPIA OCUPACIONAL COMO INSURGÊNCIA ÉTICA E ESTÉTICA

TEJIDOS DE SÍ E DO COMÚN: LA DOCENCIA LÉSBICA EN LA TERAPIA OCUPACIONAL COMO INSURGENCIA ÉTICA Y ESTÉTICA

WEAVINGS OF SELF AND THE COMMON: LESBIAN TEACHING IN OCCUPATIONAL THERAPY AS ETHICAL AND AESTHETIC INSURGENCY

Bárbara De Fátima Depole[1]

RESUMO
O presente artigo propõe uma reflexão crítica sobre a docência e a prática clínica em Terapia Ocupacional, fundamentada na perspectiva de uma pesquisadora-docente lésbica. A partir da "escrita de si", com o método da cartografia, discute-se como a presença de um corpo dissidente nos espaços acadêmicos e assistenciais desafia as lógicas produtivistas, coloniais e heteronormativas vigentes. Através de uma narrativa que entrelaça ética, estética e política, a trajetória da autora — marcada por resistências à lesbofobia institucional — serve como base para repensar o cuidado nestes espaços. A docência é apresentada não como mera transmissão de saber técnico, mas como um ato de responsabilidade afetiva e insurgência ética, capaz de criar "mundos possíveis" e reencantar a experiência pedagógica. Busca-se, assim, oferecer linhas de escape promovendo um cuidado singular e integral voltado à população LGBTQIAPN+ e a outros grupos historicamente negligenciados, reafirmando o compromisso com a vida que escapa às normativas.
PALAVRAS-CHAVE: Docência Lésbica. Terapia Ocupacional. Escrita de Si. Ética e Estética.

[1] Professora Doutora Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília (FFC). São Paulo, Brasil.

RESUMEN

El presente artículo propone una reflexión crítica sobre la docencia y la práctica clínica en Terapia Ocupacional, fundamentada en la perspectiva de una investigadora-docente lésbica. A partir de la "escritura de sí", con el método de la cartografía, se discute cómo la presencia de un cuerpo disidente en los espacios académicos y asistenciales desafía las lógicas productivistas, coloniales y heteronormativas vigentes. A través de una narrativa que entrelaza ética, estética y política, la trayectoria de la autora —marcada por resistencias a la lesbofobia institucional— sirve de base para repensar el cuidado en estos espacios. La docencia se presenta no como mera transmisión de saber técnico, sino como un acto de responsabilidad afectiva e insurgencia ética, capaz de crear "mundos posibles" y reencantar la experiencia pedagógica. Se busca, así, ofrecer líneas de escape promoviendo un cuidado singular e integral dirigido a la población LGBTQIAPN+ y a otros grupos históricamente descantados, reafirmando el compromiso con la vida que escapa a las normativas.
PALABRAS CLAVE: Docencia Lésbica. Terapia Ocupacional. Escritura de Sí. Ética y Estética.

ABSTRACT

The following article proposes a critical reflection on teaching and clinical practice in Occupational Therapy, based on the perspective of a lesbian researcher-professor. Drawing from "writing of the self" and the cartography method, it discusses how the presence of a dissident body in academic and healthcare spaces challenges prevailing productivist, colonial, and heteronormative logics. Through a narrative that intertwines ethics, aesthetics, and politics, the author's trajectory —marked by resistance to institutional lesbophobia— serves as a foundation for rethinking care within these spaces. Teaching is presented not as a mere transmission of technical knowledge, but as an act of affective responsibility and ethical insurgency, capable of creating "possible worlds" and re-enchanting the pedagogical experience. Thus, the study seeks to offer lines of flight by promoting singular and integral care for the LGBTQIAPN+ population and other historically neglected groups, reaffirming a commitment to the lives that escape normative constraints.
KEYWORDS: Lesbian Teaching. Occupational Therapy. Writing of the Self. Ethics and Aesthetics.

* * *

Não se deve apenas defender-se, mas afirmar-se, e afirmar-se não apenas como identidade, mas como força criativa.

Michel Foucault (1994, p.736)

Introdução: O Corpo que ensina e a pergunta que pulsa

Nas entrelinhas dos corredores da Universidade e de tantos outros locais pelos quais seu cotidiano se entrelaça, o aprendizado da escuta precede os nomes e títulos. Antes de ser professora, pesquisadora ou terapeuta ocupacional, a autora constitui-se

como a própria pergunta: **como cuidar do que o mundo não quis ver?** Este artigo não se pretende um relato neutro, mas uma "parrésia" — a prática do franco falar como constituição ética e militância revolucionária.

Como aponta **Margareth Rago (2011)**, ao resgatar as lições de **Michel Foucault (2009)** sobre o cuidado de si e a parrésia, a escrita e o falar franco tornam-se tecnologias de resistência que permitem a criação de uma "ética da existência". Para Rago, o feminismo não é apenas uma luta por direitos, mas uma prática de desaprendizagem das subjetividades docilizadas.

Nesse sentido, a docência e a Terapia Ocupacional que aqui proponho alinham-se a essa **"estética da existência"**. Se a parrésia é a coragem de dizer a verdade correndo riscos, a docência lésbica-feminista utiliza a própria trajetória e o corpo para desestabilizar as verdades impostas. Não se trata apenas de relatar uma vivência, mas de transformá-la em **"escrita de si"**, onde o ato de narrar a própria história — e a história dos corpos que cuidamos — funciona como um dispositivo de libertação.

Como sugere Rago, quando as mulheres e as dissidências sexuais assumem a palavra e a "coragem da verdade", elas rompem com o silenciamento histórico e passam a inventar novos modos de vida. O cuidado emancipatório na Terapia Ocupacional torna-se, então, uma forma de parrésia prática: um compromisso ético de produzir subjetividades que não apenas sobrevivem às normas, mas que têm a audácia de **(re)existir** através do encantamento e da arte.

A parrésia, tal como discutida por Foucault (2011), não é apenas um direito à fala, mas a coragem de assumir uma verdade que vincula o sujeito ao seu próprio dizer, transformando a prática docente numa estética da existência e numa insurgência política."

O "parresiasta" é aquele que assume o risco de dizer a verdade, mesmo quando isso pode trazer consequências negativas (como a homofobia institucional que enfrentou). Ao "sair do armário" na academia, a sua fala deixa de ser técnica para ser uma verdade vivida.

Pode escrever sobre sua "parrésia lésbica" é o que permite transformar o "prontuário seco" em "narrativa viva". É o ato de não se esconder atrás da neutralidade acadêmica para poder, de facto, olhar nos olhos dos sujeitos e oferecer-lhes um cuidado que é, antes de tudo, um reconhecimento de humanidade.

A docência lésbica, aqui, é compreendida como uma "tecedura de mundos em tensão". Ao romper com a tradição cartesiana que exige uma produtividade

descorporificada, a docência lésbica e sapatão feminista apresenta-se como uma interrupção da norma. É um corpo que ensina não apenas conteúdos, mas modos de existência que escapam às garras da exploração capitalista e das violências estruturais. Quando a sala de aula é atravessada pela experiência dissidente, o ensinar deixa de ser uma transmissão fria para tornar-se um ato de **resistência cotidiana**. Não se trata apenas de uma identidade fixada em um currículo, mas de um modo de habitar a academia e os serviços de saúde e de assistência social que atravessa a universidade e as políticas públicas com o olhar de quem reconhece o que é vivo e inominado entre as linhas formais. Habitar essa docência é, antes de tudo, um convite para deslocar o centro cartesiano — que separa mente de corpo, razão de afeto, clínico de político — e abraçar o ensinar como um espaço-tempo de produção de existências.

Cuidar do que o mundo não quis ver exige, portanto, uma docência que se desloque do centro e abrace as incertezas dos encontros. Trata-se de uma proposta de **(re)encantamento**, onde a ética da parrésia e a estética da criação se fundem para parir mundos possíveis. Ao final, o que pulsa não é apenas o desejo de ensinar, mas o compromisso revolucionário de transformar a sala de aula em um espaço-tempo de produção de vidas que, em meio às duras realidades, teimam em florescer e se manifestar em toda a sua complexidade performática

Neste cenário, o corpo da docente não é um suporte neutro para a transmissão de dados. É um corpo que carrega marcas, ranhuras de experiência e uma memória política. Como mulher cisgênera que atravessou vinte anos de uma vida lésbica, a entrada no campo da Terapia Ocupacional e, posteriormente, na docência universitária, não se deu sem ranhuras. A primeira experiência de homofobia declarada, sofrida ainda na graduação, não foi um evento isolado, mas um sintoma de como as profissões da saúde operam sob uma lógica de vigilância de corpos. Quando um grupo de alunas questionou a capacidade técnica da autora de trabalhar no cuidado devido à sua orientação sexual, o que estava em jogo não era a habilidade clínica, mas a manutenção de uma "fantasia de neutralidade". Nas áreas da saúde, o profissional é historicamente construído como uma figura asséptica, cuja vida privada deve ser invisibilizada para garantir uma suposta objetividade. No entanto, para corpos LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgênere, homens trans, mulheres trans, *queer*, intersexo, assexuais, agêneros, pansexuais e gênero neutro e + que representa qualquer outra pessoa que não seja coberta pelas outras iniciais), essa "neutralidade" funciona como um armário

compulsório: qualquer desvio da norma heterossexual é lido não como uma característica pessoal, mas como uma "contaminação" da competência técnica. A sigla LGBTQIA+ corresponde a todos outros grupos de pessoas não-cis e que não se veem como trans ou não binárias, bem como todas outras orientações que fogem da heteronormatividade (Depole, 2023).

O preconceito nas profissões da saúde é ainda mais acentuado devido à herança do modelo biomédico, que durante séculos patologizou as identidades dissidentes. Embora a homossexualidade e as transidentidades tenham sido retiradas dos manuais oficiais de diagnósticos, esse processo de despatologização é historicamente recente.

Essa herança de exclusão esteve respaldada por muito tempo nos dois principais guias utilizados globalmente para classificar a saúde e a mente humana: o **DSM** e a **CID**.

O **DSM** (sigla em inglês para *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, ou **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**) é produzido pela Associação Americana de Psiquiatria e serve como o principal padrão mundial para o diagnóstico de condições de saúde mental. A homossexualidade constou nele como um transtorno mental até **1973**. Já as identidades trans e travestis permaneceram sob rótulos de patologia psiquiátrica por décadas, sendo reformuladas para "disforia de gênero" apenas em sua quinta edição (DSM-5, em 2013) com o intuito de diminuir o estigma, embora a lógica do diagnóstico médico para a transição permaneça ativa.

Por sua vez, a **CID** (da sigla em português para **Classificação Internacional de Doenças**) é o manual oficial publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), utilizado globalmente para padronizar as estatísticas de morbidade e mortalidade na saúde pública e coletiva. Na CID, a homossexualidade só deixou de figurar na lista de doenças mentais em **17 de maio de 1990** (data que hoje marca o Dia Internacional Contra a LGBTfobia). A transexualidade demorou ainda mais para ser formalmente despatologizada pela OMS: a mudança drástica ocorreu apenas com a implementação global da **CID-11**, que retirou as identidades trans do capítulo de "Transtornos Mentais e de Comportamento" e as realocou no capítulo de "Saúde Sexual" sob o termo "incongruência de gênero".

Apesar desses avanços burocráticos e normativos nos manuais, a transição para práticas de saúde verdadeiramente acolhedoras e livres de preconceito é lenta. Como essa revisão histórica é muito recente, os currículos acadêmicos, a formação profissional e as dinâmicas institucionais nos hospitais e clínicas ainda reproduzem a lógica biomédica

tradicional. Esse modelo, baseado em binarismos e na ilusão de uma neutralidade científica (que historicamente estabeleceu o corpo heterossexual e cisgênero como o padrão de "normalidade"), continua a operar de forma velada, perpetuando o estigma e a violência institucional contra os corpos dissidentes no cotidiano do cuidado e da formação em saúde.

Existe um contrato implícito de confiança nas instituições de saúde que se baseia em uma moralidade conservadora; nela, o cuidador deve encarnar os valores da "família tradicional" para ser validado pela sociedade. Assim, quando uma terapeuta ocupacional se assume lésbica, ela rompe com o espelhamento normativo esperado pelo paciente e pela instituição, revelando que o espaço do saber é, inerentemente, um espaço de disputa de corpos e de biopolítica.

Nas áreas de cuidado, o toque, a proximidade e a escuta são as principais ferramentas de trabalho. Por envolverem tamanha intimidade, essas profissões tornam-se terrenos onde o pânico moral da heteronormatividade se manifesta com força total. O medo de "perder o primeiro emprego", relatado pela autora, é um medo compartilhado por milhares de profissionais que temem que sua sexualidade seja usada para desqualificar seu saber. A homofobia na saúde, portanto, não é apenas um insulto moral, mas uma tentativa de exclusão epistêmica: tenta-se dizer que quem não se enquadra na norma do desejo não possui a clareza necessária para cuidar da vida alheia.

Contudo, é precisamente nesta ranhura que a docência lésbica se torna insurgente. Ao ocupar o lugar de professora e doutora, a autora desafia a ideia de que o saber técnico é incompatível com a dissidência. Ela demonstra que a capacidade técnica não é diminuída pela identidade, mas sim expandida por uma ética da alteridade. Aquele que já sentiu na pele a violência do diagnóstico e do estigma possui um "faro para o sentido" muito mais apurado para identificar as sutilezas do sofrimento humano.

É preciso dar nome àquilo que as entrelinhas tentam camuflar: a vigilância constante sobre o corpo da professora lésbica em um universo de 98% de mulheres. Enquanto a heteronormatividade goza do privilégio da proximidade invisível, o diálogo próximo entre uma docente sapatão e sua aluna é imediatamente atravessado pela suspeita. O olhar homofóbico converte o acolhimento em 'pegação' e a mentoria em 'investida', operando uma desvalorização estratégica da nossa prática pedagógica.

Nesse sentido, assumir uma **presença autêntica** é um ato de coragem política. É reivindicar que o toque, a escuta e a proximidade espacial — pilares da Terapia

Ocupacional — não sejam sequestrados pelo preconceito. Minha resposta a esse cenário não é o recuo para uma neutralidade impossível, mas o exercício da parrésia: o falar franco que expõe essa homofobia institucionalizada e reafirma que o nosso 'corpo que ensina' é, sobretudo, um corpo que resiste ao estigma, produzindo um cuidado que emancipa sem pedir licença para existir

O movimento da professora lésbica é frequentemente traduzido pelo olhar homofóbico como "puxação de saco", "pegação" ou, no limite, assédio. Essa distorção é uma tecnologia de controle que visa o **congelamento do afeto**.

Portanto, pensar a docência a partir da lesbianidade feminista exige o que Foucault denomina como "cuidado de si" — não como um ato narcísico, mas como um exercício de liberdade deliberada. É a compreensão de que a construção da própria subjetividade é o primeiro território de resistência. Ao "sair do armário" na academia, a docente realiza o ato mais revolucionário de sua trajetória: ela transforma o segredo em parrésia, o medo em ferramenta pedagógica. Ensinar passa a ser o gesto de devolver o mundo àqueles que foram escritos fora dele, garantindo que a sala de aula seja uma extensão da rua, das lutas e dos afetos que o produtivismo acadêmico tenta silenciar.

A "tecedura de mundos" mencionada refere-se à habilidade de costurar o conhecimento técnico da Terapia Ocupacional com a urgência ética de populações negligenciadas. Quando a docente-pesquisadora se propõe a olhar para a saúde mental LGBTQIAPN+, ela não o faz como quem observa um objeto distante sob a lente de um microscópio. Ela o faz a partir de uma "ontologia relacional", onde o mundo é visto como um entrelaçamento. A Terapia Ocupacional, nesse sentido, deixa de ser apenas uma intervenção para tornar-se um testemunho.

Essa docência recusa a "exigência insana de produtividade descorporificada". Ela se insurge contra a colonialidade do saber que valoriza apenas o que é quantificável e estatístico. Ao contrário, propõe uma "responsabilidade afetiva e epistêmica", onde orientar uma pesquisa ou conduzir um grupo de extensão é parte de uma teia maior: poética e política. É o reconhecimento de que, muitas vezes, o que o aluno ou o paciente necessita é "apenas de uma escuta qualificada e respeito", conforme apontado nas práticas de cuidado singular.

Deslocar o centro cartesiano significa, portanto, validar a experiência como dado legítimo de conhecimento. É abraçar as "circunferências, ancestralidades e sensorialidades" que o dossiê evoca. A docência lésbica é, por fim, uma insurgência ética.

Ela prepara futuros profissionais não apenas para o cumprimento de protocolos do SUS, mas para uma escuta que sustenta a vida onde ela quase não cabe — seja no olhar de um idoso institucionalizado que chama pelo irmão, ou na resistência de corpos dissidentes que tentam existir entre formulários rígidos. É, em última análise, a aposta de que a potência dos encontros pode, efetivamente, transformar a dureza do mundo em possibilidade de reencantamento.

Método: O caminho do cuidado e a escrita como rastro

A arquitetura metodológica deste estudo não se pretende neutra ou meramente descritiva; ela é, por natureza, uma metodologia de intervenção e de afeto. Para dar conta da complexidade das "docências lésbicas" e do "cuidado em saúde mental", optou-se por um percurso político-epistêmico que entrelaça a **Pesquisa-Intervenção Cartográfica**, a **Análise de Implicação** e a **Escrita de Si**. A escolha destes caminhos justifica-se pela necessidade de não apenas observar a realidade, mas de acompanhar processos de produção de subjetividade e de resistência nos espaços da docência e da clínica em Terapia Ocupacional.

A metodologia que sustenta esta escrita não se pretende uma coleta fria de dados, mas um exercício de **cartografia das intensidades**. Cartografar é o modo que a autora encontrou de falar sobre processos e de estar na vida onde as coisas reais acontecem. Diferente de um mapa rígido que busca formas fixas ou delimita fronteiras, a cartografia aqui empregada constitui-se como um acompanhamento de percursos, um mergulho nos fluxos, nas forças e nas "marcas no corpo e ranhuras de experiência" que atravessam os encontros clínicos e pedagógicos.

A Cartografia, inspirada nos contributos de Deleuze e Guattari e sistematizada por Passos, Kastrup e Escóssia (2009), foi o guia para percorrer os territórios existenciais habitados pela autora. Diferente de um mapa rígido que busca formas fixas, a cartografia aqui empregada buscou as "marcas no corpo e as ranhuras de experiência" (Depole, 2024). O procedimento consistiu em acompanhar os fluxos da docência universitária e da prática clínica, registando as intensidades dos encontros, as "tempestades e calmarias" da rede de saúde mental e as linhas de escape que emergem quando o corpo dissidente ocupa o espaço do saber.

Complementarmente, a Análise de Implicação foi o dispositivo ético que permitiu à autora-docente-pesquisadora situar-se. Reconhecer-se e autodeclarar-se como uma "mulher cisgênera, branca, com 24 anos de vida lésbica" que ocupa o lugar de professora e doutora não opera aqui como um mero detalhe biográfico, mas como uma ferramenta metodológica fulcral. A implicação é tomada como a fratura das instituições que nos atravessam (a universidade produtivista, a heteronormatividade compulsória, os manuais biomédicos), desestabilizando o instituído onde ele tenta cristalizar-se. A implicação aqui é entendida como o reconhecimento das instituições que nos atravessam (a universidade, a heteronormatividade, as esferas públicas e privadas) e a tentativa constante de produzir desvios onde o instituído tenta cristalizar-se.

Para materializar essa cartografia, utilizei a **Escrita de Si** como técnica de cuidado e de resistência. O diário de campo e os textos reflexivos produzidos ao longo da trajetória de doutoramento e da prática docente funcionaram como instrumentos de **"parrésia" (o falar franco)**. Estes documentos permitiram que o "faro para o sentido" fosse exercitado, transformando encontros em diferentes cenários em material de reflexão teórica e política.

O território existencial e empírico desta cartografia foi habitado e desenhado ao longo de um recorte temporal dos últimos anos **(2020 a 2024)**, período correspondente ao desenvolvimento da pesquisa de doutoramento e à inserção da prática docente concomitante. Os cenários efetivamente acompanhados subdividem-se em duas grandes frentes que se retroalimentam:

O Território Clínico-Assistencial: O mergulho deu-se no cotidiano de serviços que compõem a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e a rede de proteção social, perpassando o suporte intensivo no hospital geral, o manejo lúdico com crianças neurotípicas, o cuidado complexo a pessoas com transtornos mentais graves, o cotidiano do abandono de idosos institucionalizados e a fragilidade de jovens inseridos em casas-lar.

O Território Acadêmico-Militante: Mapeou-se o cotidiano das salas de aula, reuniões de colegiado e instâncias de gestão de uma das maiores universidade pública estadual do país, situada no maior estado do Brasil. Adicionalmente, incorporou-se como território virtual e político de intervenção o monitoramento cartográfico da **Rede Lésbica de Terapeutas Ocupacionais (@redetolesbica)**, que reúne mais de 80 profissionais autodeclaradas lésbicas em todo o território nacional.

A Escrita de Si, enquanto técnica de cuidado e de resistência, foi utilizada para materializar os dados. Estes documentos permitiram que o 'faro para o sentido' fosse exercitado, transformando encontros clínicos, e a escrita funcionou como um dispositivo de 'des-silenciamento', permitindo que a prática profissional se consolidasse como uma estética da existência que recusa a neutralidade e abraça a radicalidade do encontro.

Os procedimentos de produção do diário de campo basearam-se na proposta de Passos, Kastrup e Escóssia (2009). Longe de operar uma transcrição literal e asséptica dos fatos, o ato de registrar configurou-se como uma **intervenção parresiástica**. O diário foi estruturado em três colunas de afetação: a *descrição factual das cenas cotidianas*; as *ressonâncias subjetivas da pesquisadora* (onde as ranhuras da homofobia institucionalizada e do pânico moral eram digeridas); e as *linhas de escape emergentes nos encontros com os sujeitos*. Essa tessitura documental permitiu que o "faro para o sentido" fosse continuamente exercitado, transformando o sofrimento ético-político em material de reflexão teórica e militância.

Os **modos de análise** do material cartográfico não seguiram categorizações *a priori* ou codificações estatísticas que mimetizam a frieza colonial do saber. O tratamento do *corpus* empírico deu-se por meio do método de **Análise de Ressonâncias e Linhas de Força**, subdividido em três etapas operacionais:

Leitura Flutuante Afetiva: Leitura integral e transversal dos diários e memórias para captação do ritmo, das "tempestades e calmarias" do campo.

Mapeamento de Núcleos de Força (Fissuras Epistêmicas): Isolamento dos momentos em que o "corpo que ensina e cuida" sofria tentativas de congelamento do afeto pela vigilância homofóbica.

***Transmutação Parresiástica e Estética*:** Cruzamento das zonas de intensidade cartografadas com o referencial foucaultiano e butleriano , utilizando a música e a poesia como anteparos éticos e bússolas rítmicas. É o processo que transmuta o "prontuário seco" em "narrativa viva".

As experiências acumuladas como terapeuta ocupacional durante os processos de mestrado e doutorado não foram meros parênteses acadêmicos; foram elas que injetaram a força necessária para sustentar a prática docente atual.

Ocupar o lugar de docente, sendo quem com orgulho se autodeclara — uma mulher lésbica que não negocia sua identidade — é, em si, um ato de criação de mundos. A "pergunta que pulsa" no início da trajetória hoje encontra eco em salas de aula e projetos

de pesquisa e extensão, ampliando as possibilidades do que significa ser terapeuta ocupacional e professora.

Poder ser quem é, nesse lugar de prestígio e disputa, permite que a docência se transforme em um “laboratório” de direitos humanos, onde o ensino do manejo clínico está indissociavelmente ligado à luta contra o apagamento de corpos dissidentes. Assim, a universidade deixa de ser apenas um lugar de reprodução de saber para tornar-se um espaço de **(re)encantamento**, onde a ciência, a ética lésbico-feminista e a estética do cuidado se fundem para garantir que a vida — em toda a sua diversidade e dor — seja sempre o centro de qualquer currículo.

Assim, a metodologia não foi um fim em si mesma, mas uma ponte para o "reencantamento da docência". O rigor científico foi mantido através da sistematicidade da observação participante e da densidade teórica, mas sempre permitindo que a "música e a poesia" servissem de trilha sonora para a construção de uma Terapia Ocupacional que seja, antes de tudo, testemunho de vidas que insistem em florescer.

Cuidar, para uma docente sapatão-feminista, é um ato de insubordinação. É recusar-se a produzir corpos dóceis e funcionais, optando por cultivar subjetividades que, ao aprenderem a manejar a própria vida, aprendem também a desafiar as estruturas que as tentam silenciar. É uma prática de parrésia aplicada: a coragem de sustentar uma verdade que liberta tanto quem cuida quanto quem é cuidado, transformando a fragilidade em força de criação e a vulnerabilidade em ferramenta de transformação do mundo."

O cuidado, sob essa ótica, é indissociável dos Direitos Humanos. Na prática docente aqui relatada é, portanto, a materialização de que é possível habitar a academia sem deixar o corpo na porta; é a prova de que a identidade lésbica, longe de ser um entrave, é a bússola que me permite enxergar e cuidar do que o mundo insiste em ignorar.

Resultados: A Escrita de Si como ato revolucionário: da violência à estética da existência

Nesse percurso entre a dureza dos dados e a fluidez dos afetos, a estética assume um papel central. A autora utiliza a música e a poesia não como meros adornos, mas como as "trilhas sonoras" de seu doutoramento — uma bússola rítmica que permitiu integrar o rigor científico à sensibilidade necessária para suportar as "durezas e violências" do campo de pesquisa. Ao citar Engenheiros do Hawaii e outras referências que compõem

sua "matriz de sentidos", a pesquisadora-docente demonstra que a ciência, para ser verdadeiramente humana, precisa ser capaz de cantar. A arte funciona como um anteparo ético: ela permite que o pesquisador processe a dor do outro sem se deixar anestesiar por ela, mantendo viva a capacidade de se indignar e de se encantar.

Essa "calmaria" que se busca construir no cuidado é o que chamamos de cuidado singular e integral. É a capacidade de ouvir o paciente LGBTQIAPN+ para além do prontuário, reconhecendo que muitas vezes o que se busca nos serviços de saúde é, simplesmente, o direito de ser respeitado em sua dignidade mais básica. Quando a docência incorpora essa perspectiva, ela prepara profissionais que não se contentam com a "política pública seca", mas que buscam humanizar cada fenda do sistema de saúde. O cuidado torna-se, então, uma prática de resistência cotidiana: um esforço de transformar o sofrimento ético-político em potência de vida, garantindo que as tempestades do preconceito não apaguem a luz da existência dissidente.

Integrar a estética ao rigor científico é, por fim, uma recusa à fragmentação do ser. No exercício da docência e da clínica, a autora reafirma que a saúde mental é um campo de forças onde a música de uma vida deve ser ouvida em toda a sua complexidade. O cuidado que nos aproxima e a potência dos encontros que nos transformam — como evocado na epígrafe deste trabalho — materializam-se na coragem de sustentar a clínica no "olho do furacão", apostando sempre na possibilidade de produção de mundos onde o afeto seja a norma e a liberdade o destino.

Sair do armário é frequentemente descrito como o ato mais revolucionário de uma vida dissidente. Não se trata apenas de uma revelação sobre a esfera do desejo, mas de um rompimento com o regime de verdade que impõe o silêncio como norma de sobrevivência. Para a autora, esse movimento de ruptura e afirmação encontrou na Terapia Ocupacional um terreno fértil, ainda que paradoxal. Se, por um lado, a profissão ofereceu as ferramentas conceituais para compreender a emancipação social, por outro, as instituições acadêmicas revelaram-se guardiãs de uma moralidade excludente.

A Terapia Ocupacional é, por definição, uma profissão de **corpo a corpo**. O fazer terapêutico exige, muitas vezes, o toque, o manejo físico, a proximidade espacial e a entrada na intimidade das Atividades de Vida Diária (AVDs) dos sujeitos. No entanto, para uma docência sapatão e feminista, esse "corpo a corpo" transborda o protocolo clínico e torna-se uma **ética do encontro.** Em um mundo que frequentemente violenta ou ignora corpos dissidentes, o toque da T.O deixa de ser apenas "manuseio funcional" para

tornar-se um ato de reconhecimento. Tocar o corpo do outro para auxiliá-lo a vestir-se, comer ou mover-se é uma forma de dizer: *"Este corpo importa"*. As atividades de vida diária são o palco das nossas maiores vulnerabilidades. Ao entrar nesse espaço, a terapeuta-docente não apenas "reabilita funções", mas habita as frestas da vida cotidiana em que a autonomia é disputada. É nas tarefas mais simples que a resistência contra a desumanização se concretiza.

Se a formação cartesiana nos ensina a ver o corpo como uma máquina a ser consertada, a docência encarnada propõe que o corpo é uma **biografia em movimento**. A proximidade física deixa de ser uma barreira profissional a ser vigiada e passa a ser a ferramenta de criação de "outros possíveis".

Para além da formulação teórica dessa corporeidade, a cartografia em ato exige que visibilizemos as cenas em que o plano empírico fratura a assepsia biomédica. A seguir, evocava-se três vinhetas cartográficas extraídas dos diários de campo e dos textos reflexivos produzidos entre 2020 e 2024, que materializam o manejo clínico e a insurgência ética.

Vinheta Cartográfica I: O Toque no Leito e a Estética do Cuidado Singular

Excerto do Diário de Campo nº 04 (Enfermaria de Hospital Geral):

O prontuário seco descrevia: 'Paciente idoso, institucionalizado, quadro severo de desorganização psíquica, resistente ao manejo físico'. Ao me aproximar do leito, o cheiro de isolamento e o pânico moral institucional eram quase palpáveis. O paciente clamava repetidamente pelo irmão, num eco de afeto que a equipe de saúde tratava como sintoma de demência a ser dopado. Em vez de aplicar protocolos, sentei-me à beira do leito. Permiti a proximidade espacial. Coloquei suas mãos calejadas nas minhas. Não era um manuseio funcional mecânico; era presença. À medida que o toque se sustentava, o ritmo de sua respiração alterou-se. Ele me olhou nos olhos. Sob o olhar da enfermagem, que assistia à cena com desconfiança perante aquela intimidade corporal não prescrita, ele tateou meu rosto e sussurrou: 'Você me vê?'. O essencial ali era invisível à clínica tradicional."

Cena Analítica I: Esta cena desvela o deslocamento do centro cartesiano nas práticas de saúde. O modelo biomédico opera sob a lógica da vigilância e do isolamento do corpo. Ao operar a transferência do 'saber técnico asséptico' para a 'narrativa viva do

encontro', a clínica-pesquisa transmutou-se em um testemunho. O idoso institucionalizado não necessitava de um reajuste quimioterápico na contenção de sua dor; demandava uma escuta qualificada que sustentasse sua dignidade e ancestralidade afetiva em meio ao esvaziamento burocrático do SUS. O toque, portanto, atuou como dispositivo de parrésia prática, devolvendo humanidade onde o Estado ofertava apenas a exclusão epistêmica.

Essa natureza intrínseca da Terapia Ocupacional, como profissão de **corpo a corpo**, informa diretamente o modo como compreendo a docência. O manejo físico e a entrada na intimidade das atividades da vida diária do outro dentro um cotidiano amplo e complexo de afazeres, não são apenas competências técnicas, mas **atos parresiásticos**. Se o mundo não quis ver certas dores ou certas existências, a Terapia Ocupacional as coloca no colo. Ao levar essa lógica para a sala de aula, a professora-terapeuta transforma o ensino em um laboratório de sensorialidades, onde o aprendizado não ocorre apenas pelo intelecto, mas pela pele, pelo peso do corpo e pela coragem de estar perto.

É nesta zona de proximidade que a vigilância LGBTQIAPN+fóbica se torna mais aguda e punitiva. Ao contrário das ciências exatas ou de profissões "de gabinete", onde a subjetividade do profissional pode ser facilmente camuflada atrás de dados e telas, na saúde — e especificamente na Terapia Ocupacional — a identidade do terapeuta está exposta no próprio gesto de cuidar.

Essa vigilância ocorre porque a sociedade heteronormativa opera sob um "pânico moral" constante em relação ao contato físico entre pessoas. Quando uma terapeuta lésbica maneja o corpo de uma paciente ou entra na esfera do seu autocuidado (como na avaliação do desempenho ocupacional do vestir entre tantas atividades básicas), o olhar institucional e social projeta, maliciosamente, uma carga de erotização onde deveria haver apenas cuidado técnico. Essa suspeição é o que Foucault descreve como a biopolítica do controle: o corpo dissidente é visto como um "corpo perigoso", cuja proximidade física é lida como uma ameaça à integridade moral do paciente.

Por isso, as áreas da saúde sofrem uma cobrança por "neutralidade assexuada" muito mais violenta que as áreas tecnológicas. Para uma docente lésbica, ensinar o toque e a atividade significa enfrentar o medo de que seu gesto seja mal interpretado. Essa pressão gera o que chamamos de "armário profissional", onde o terapeuta se vê forçado a uma postura rígida e fria para evitar qualquer gatilho de preconceito.

Neste sentido, a clínica e à docência se fundem em um projeto ético-político comum. Se na Terapia Ocupacional o objetivo é a emancipação social através do fazer, na docência o objetivo é a emancipação do pensamento através do sentir. O cuidado deixa de ser uma intervenção sobre a 'falta' para tornar-se um investimento na 'presença'.

Vinheta Cartográfica II: A Vigilância Homofóbica na Orientação Acadêmica

Excerto do Diário de Campo nº 09 (Corredores da Universidade Pública):

"Final de tarde. Encontro de orientação de pesquisa na fresta da sala de aula com uma aluna que atravessava um sofrimento ético-político decorrente de inúmeras questões do seu processo acadêmico. Estávamos próximas, analisando os dados cartográficos na tela do computador. Pelo vidro da porta, percebi os olhares enviesados de duas docentes. Dias depois, chega-me de forma sutil a reverberação: o questionamento velado de que o diálogo próximo entre uma 'docente Sapatão' e sua orientanda estaria atravessando as barreiras da 'neutralidade técnica'. A homofobia acadêmica reconverteu estrategicamente o acolhimento em suspeita de investida erótica, demonstrando como a moralidade conservadora atua no congelamento do afeto nos espaços formativos."

Cena Analítica II: O preconceito nas profissões de saúde e na academia opera como uma biopolítica de controle constante sobre o corpo dissidente. Enquanto a proximidade heteronormativa goza do privilégio da invisibilidade, o corpo da professora lésbica — inserido em um universo majoritariamente feminino — é permanentemente patologizado e lido sob a lente do pânico moral. A tentativa de desqualificação da minha prática pedagógica através da maliciosa projeção de assédio ou 'pegação' visa empurrar a docente de volta ao armário profissional. Contudo, como parresiasta que assume os riscos do falar franco, minha resposta a essa homofobia institucionalizada não é o recuo defensivo. A escrita de si e a presença autêntica convertem a ranhura do preconceito em ferramenta pedagógica radical: a sala de aula se afirma como extensão da rua e trincheira de resistência ao estigma.

No entanto, a docência lésbica insurgente propõe o caminho inverso: o reconhecimento de que é justamente por conhecer as dinâmicas de poder e as vulnerabilidades do corpo que a terapeuta lésbica pode oferecer um cuidado mais ético. O toque, aqui, não é um risco, mas uma ferramenta de presença. Ao deslocar a visão do corpo como objeto de desejo para o corpo como território de emancipação, a Terapia

Ocupacional desafia a vigilância e transforma a proximidade em um espaço de cura e reencantamento, provando que a orientação sexual do profissional não contamina o cuidado, mas o humaniza através da empatia com quem também habita as margens.

Essa violência, longe de produzir o isolamento ou o apagamento, tornou-se o disparador para uma postura política de ocupação. A resposta ao estigma não foi a busca por uma "normalidade" técnica, mas a afirmação da identidade lésbica como ferramenta fundamental de trabalho, pesquisa e ensino. É aqui que a "escrita de si" — conceito fundamental na última fase de Michel Foucault — ganha contornos de urgência. Foucault nos ensina que as práticas de si são exercícios através dos quais o sujeito se constitui e se transforma, fazendo da própria vida uma "estética da existência". Ao narrar-se, a autora não apenas relata fatos; ela produz uma parrésia — a coragem da verdade — que desafia o saber médico-acadêmico tradicional.

A autora identifica nestes casos pode emergir um sofrimento psíquico que é experimentado por pessoas LGBTQIAPN+, e não que seja uma patologia inerente à sua orientação sexual ou identidade de gênero, mas sim o subproduto de uma sociedade estruturalmente heteronormativa e cisnormativa. É o que o campo da Saúde Coletiva denomina "estresse de minoria": uma sobrecarga emocional decorrente do medo constante do estigma, da violência e da exclusão (DEPOLE, 2023).

Ao transformar a dor da homofobia sofrida em potência pedagógica, esse relato propõe que a docência lésbica é, em si, um processo de cura coletiva. É a validação da experiência como dado legítimo, recusando a separação entre quem pesquisa e o que é pesquisado.

Vinheta Cartográfica III: A Produção de Mundos na Rede Lésbica

Excerto de Texto Reflexivo (Cartografia Virtual e Coletiva):

"Durante a assembleia virtual da Rede Lésbica de Terapeutas Ocupacionais (@redetolesbica), uma jovem profissional recém-formada partilhou, em prantos, o pânico de perder o primeiro emprego caso sua orientação sexual fosse descoberta pela gestão do hospital. Em resposta, uma teia de depoimentos de sapatões-feministas ecoou na tela. Entre partilhas de estratégias de sobrevivência institucional e construções epistemológicas situadas, o sofrimento psíquico decorrente do estresse de minoria foi

sendo coletivizado. No chat, a jovem escreveu: 'Pela primeira vez na vida, olhando para vocês, eu me sinto bonita, desejável e com dentes para enfrentar esse sistema'."

Cena Analítica III: A Rede Lésbica de Terapeutas Ocupacionais materializa a transição da dor individualizada para a força criativa da afirmação coletiva de que falava Foucault. O sofrimento psíquico da população LGBTQIAPN+ não é uma patologia intrínseca, mas um subproduto da cisheteronormatividade estrutural. Quando a Rede acolhe essa profissional, ela opera uma ontologia relacional em que o fazer da Terapia Ocupacional deixa de ser uma mera técnica de reabilitação e passa a ser produção de mundos despatologizados. Garantir que o sujeito sinta-se 'com dentes' significa municiá-lo de dignidade ético-política para morder a vida e fissurar os formulários rígidos e secos das políticas públicas.

As atividades de vida diária são o palco das nossas maiores vulnerabilidades. Ao entrar nesse espaço, a terapeuta-docente não apenas "reabilita funções", mas habita as frestas da vida cotidiana onde a autonomia é disputada. É nas tarefas mais simples que a resistência contra a desumanização se concretiza. Se a formação cartesiana nos ensina a ver o corpo como uma máquina a ser consertada, a docência encarnada propõe que o corpo é uma *biografia em movimento*. A proximidade física deixa de ser uma barreira profissional a ser vigiada e passa a ser a ferramenta de criação de "outros possíveis".

Não se ensina Terapia Ocupacional à distância; ensina-se na zona de contágio entre dois corpos que, ao se tocarem, desestabilizam as normas de produtividade e funcionalidade impostas pelo capital. Essa natureza intrínseca da Terapia Ocupacional, como profissão de *corpo a corpo*, informa diretamente o modo como compreendo a docência. O manejo físico e a entrada na intimidade dos afazeres não são apenas competências técnicas, mas *atos parresiásticos*. Se o mundo não quis ver certas dores ou certas existências, a Terapia Ocupacional as coloca no colo. Ao levar essa lógica para a sala de aula, a professora-terapeuta transforma o ensino em um laboratório de sensorialidades, onde o aprendizado não ocorre apenas pelo intelecto, mas pela pele, pelo peso do corpo e pela coragem de estar perto.

A densificação material operada nestes resultados demonstra, em última análise, que a trajetória da autora—docente- pesquisadora, desde a juventude em busca de autenticidade à fundação de redes nacionais de resistência — não é um relato anedótico ou puramente subjetivo. Trata-se de uma cartografia situada de insurgência ética e

epistemológica, onde a validação da experiência empírica viva constitui o verdadeiro avesso do silenciamento técnico e do produtivismo neoliberal acadêmico.

A Rede exemplifica o que Foucault denomina como a força criativa da afirmação. Ao ocuparem as redes sociais e os espaços acadêmicos, essas profissionais deslocam o centro das discussões em saúde mental, trazendo para a pauta a saúde integral da população LGBTQIAPN+ de forma despatologizada. A Terapia Ocupacional, sob esta ótica, é mais do que intervenção: é testemunho. É a prova de que é possível articular o rigor acadêmico com a militância apaixonada. A Rede funciona como um fractal da matriz ética da autora: o compromisso com a vida que escapa às normativas e que se recusa a ser silenciada pela tecnocracia da saúde.

O "fazer" em Terapia Ocupacional é um gesto ontológico: ao realizar uma atividade, ao ocupar um espaço ou ao narrar uma história, o sujeito está, simultaneamente, produzindo a si mesmo e ao mundo que o rodeia. Quando essa prática é atravessada pela perspectiva de uma docência e clínica lésbica feminista, o "agir" ganha uma camada adicional de insurgência. O cuidado aqui prestado não é definido pela orientação sexual de quem cuida no sentido de uma restrição, mas é profundamente enriquecido por ela enquanto postura ética de respeito às singularidades.

É fundamental desmistificar a ideia de que a identidade lésbica da terapeuta interfere negativamente em sua qualidade técnica. Pelo contrário, a experiência de habitar um corpo dissidente refina o "faro para o sentido" e a capacidade de escuta qualificada. Como a autora destaca em sua trajetória, ser uma profissional lésbica nunca comprometeu seu desempenho; antes, conferiu-lhe a sensibilidade necessária para identificar as sutilezas do sofrimento ético-político que atravessa a clínica. O cuidado integral e inclusivo é aquele que entende que a sexualidade não define o caráter, mas molda a forma como o sujeito se relaciona com as instituições e com o próprio corpo. Assim, a clínica-pesquisa torna-se um laboratório de produção de mundos onde o invisível — o desejo, o afeto, a resistência — ganha o direito de aparecer.

Nesse processo de "devir" Terapeuta Ocupacional, a autora provoca uma reflexão necessária ao campo: não precisamos ser terapeutas LGBTQIA+ para realizar um cuidado respeitoso, mas precisamos, urgentemente, de uma clínica que não ignore as ranhuras de experiência que esses corpos carregam. A produção de mundos possíveis na TO ocorre quando o profissional está disposto a ser atravessado pela potência do encontro, permitindo que a clínica seja um espaço de reencantamento.

Portanto, a atuação profissional e a militância são faces da mesma moeda. Elas demonstram que a Terapia Ocupacional tem um papel crucial na construção de uma sociedade que não apenas tolera a diversidade, mas que a reconhece como uma riqueza constitutiva do humano. Produzir mundos, para uma terapeuta lésbica, é garantir que cada sujeito que atravesse sua clínica possa, finalmente, sentir-se "bonito, desejável e com dentes" — ou seja, com dignidade e ferramentas para morder a vida e transformá-la.

Considerações Finais: O Devir a SER

A escrita de si não se encerra neste papel; ela se desdobra em atos de militância, como a criação de redes de apoio que hoje reúnem dezenas de profissionais em todo o país. É o exercício de uma "ontologia relacional" onde o testemunho de vida se torna a base para um novo modelo de saúde mental: um modelo que não patologiza o desejo, mas que o celebra como a força motriz capaz de reencantar os serviços de saúde e as salas de aula.

A escrita de si é, portanto, o avesso do silenciamento. É o compromisso de que nenhuma história de sofrimento psíquico decorrente da lesbofobia será tratada como "dado estatístico", mas como uma vida que pulsa e exige o direito de narrar-se inteira, sem as amarras de formulários rígidos ou olhares de julgamento.

A prática pedagógica aqui defendida recusa veementemente a "produtividade descorporificada" que assombra as instituições de ensino superior. Em um mundo acadêmico que muitas vezes prioriza métricas frias e silencia as subjetividades em nome de uma suposta neutralidade científica, a sala de aula deve converter-se em uma extensão da rua. Nesse território, a teoria não é um fim em si mesma, mas uma ferramenta que precisa pedir licença para entrar, sendo validada apenas quando atravessada por vozes e corpos reais. A docência, portanto, deixa de ser um púlpito de certezas para tornar-se uma arena onde mulheres exaustas pelo cuidado invisibilizado, corpos dissidentes que desafiam a binaridade e histórias que transbordam os limites estreitos dos formulários do SUS encontram abrigo e ressonância.

Nesse cenário, ensinar não é um exercício de transmissão unilateral de informações, mas o gesto ético de "abrir espaço para que o outro possa narrar-se inteiro". Como terapeuta ocupacional e docente, a autora compreende que o conhecimento não nasce apenas em bibliotecas, mas nas brechas de quem insiste em continuar existindo apesar

das normas. O foco em populações historicamente negligenciadas — LGBTQIAPN+, pessoas em situação de rua, indígenas, negras e pessoas com deficiência — não é uma escolha temática aleatória, mas um projeto de "reencantamento da experiência". Onde o Estado muitas vezes oferece apenas uma "política pública seca" ou o tecnicismo burocrático, a docência deve oferecer uma estética do encontro.

A sala de aula torna-se, então, um espaço de "insurgência ética". Preparar alunos para a Terapia Ocupacional exige treiná-los para uma escuta que ultrapassa protocolos. É necessário que o futuro profissional compreenda que o essencial, muitas vezes, é invisível aos olhos da clínica tradicional. Como relatado nas vivências da autora, o cuidado singular é aquele que reconhece o eco de afeto de um idoso institucionalizado que chama pelo irmão, ou o desejo de dignidade de um paciente em sofrimento psíquico que quer apenas "sentir-se bonito". Ao trazer essas narrativas para o centro do debate acadêmico, a docência rompe com a colonialidade do saber e assume uma "responsabilidade afetiva e epistêmica".

Essa abordagem exige o que chamamos de "faro para o sentido". Não se pode ensinar sobre o cuidado LGBTQIAPN+ sem considerar as ranhuras de experiência que esses corpos carregam. A estética entra aqui como uma força vital: a música, a poesia e o afeto são componentes curriculares tão importantes quanto a anatomia ou a psicopatologia. Se a vida é uma "obra de arte" em constante construção, como propõe Foucault, a formação em saúde deve ser o ateliê onde se aprende a sustentar a vida onde ela quase não cabe.

Adotar a rua como extensão da sala de aula significa também reconhecer que a universidade deve estar a serviço da emancipação social. O compromisso com a vida que escapa às normativas traduz-se em uma "ontologia relacional", onde o mundo é visto como um entrelaçamento de fios invisíveis que nos conectam. Quando a teoria se encontra com o rosto do outro, ela deixa de ser letra morta e passa a ser testemunho. Assim, a prática pedagógica transmuta-se em militância: formar terapeutas ocupacionais que sejam, antes de tudo, profissionais da escuta, capazes de devolver dignidade onde ela foi arrancada e de transformar a dor da exclusão em potência criativa de novos mundos.

Os percursos de mestrado e doutorado, atravessados pela prática com crianças neurotípicas, idosos, jovens em casas-lar e o contexto crítico do hospital geral, resultaram em uma Terapia Ocupacional de trincheira. Os resultados dessas experiências hoje se desdobram em pesquisas sólidas com populações em situação de rua e a comunidade

LGBTQIPAN+. O resultado real é a ampliação do conceito de saúde: ela deixa de ser a ausência de doença para ser a capacidade de criar mundos.

Ao final desta tecedura, as reflexões aqui apresentadas reafirmam que o ensinar, para a autora, é um verbo que só se conjuga em plenitude através do amor e da escuta. A proposta de uma docência lésbica feminista não se encerra na transmissão de conteúdos programáticos ou na afirmação de uma identidade; ela constitui-se como uma "insurgência ética". É uma prática pedagógica que prepara os alunos não apenas para a execução de um ofício técnico, mas para o exercício de uma escuta que ultrapassa protocolos frios e formulários padronizados. Trata-se de formar profissionais que saibam reconhecer, no silêncio dos corredores ou na exaustão dos corpos, a dignidade que clama por visibilidade.

A trajetória aqui narrada — que parte de uma jovem de doze anos em busca de autenticidade, atravessa as fissuras da homofobia institucional na graduação e culmina na maturidade de uma doutora e professora universitária — é o testemunho vivo de que a resistência pela arte e pelo cotidiano é possível. Como bem aponta o prefácio de sua obra, não estamos diante de uma pesquisadora neutra, protegida pela distância asséptica do objeto de estudo. Estamos diante de alguém que fala *com* seu objeto, que habita o campo e que se permite ser transformada por ele. Essa recusa à neutralidade é, na verdade, a maior garantia de rigor ético: o reconhecimento de que todo conhecimento é situado e de que o corpo que pesquisa é o mesmo corpo que ama e que luta.

A Terapia Ocupacional, quando atravessada por essa docência insurgente, recupera seu potencial mais radical de "produção de mundos". Ela deixa de ser apenas uma engrenagem do sistema de saúde para tornar-se uma ferramenta de emancipação. A experiência da Rede Lésbica de Terapeutas Ocupacionais e as investigações cartográficas sobre o cuidado LGBTQIAPN+ demonstram que, embora as "tempestades" do preconceito e do produtivismo acadêmico sejam reais, as "calmarias" são construídas na potência dos encontros. O "faro para o sentido" deve continuar a guiar a formação profissional, permitindo que a clínica seja um espaço de reencantamento, onde o "invisível aos olhos" — o afeto, o desejo e a singularidade — seja, finalmente, o centro do cuidado.

Em meio às brutalidades de um presente que muitas vezes tenta descorporificar a docência e desumanizar o cuidado, este texto se coloca como um respiro. Que a sala de aula continue sendo essa extensão da rua, e que a universidade seja o espaço-tempo onde

a teoria pede licença para ser atravessada pela vida. A trajetória da autora reafirma que o compromisso primordial da educação e da saúde é com a vida que escapa às normativas.

Dessa forma, entrelaçar a Terapia Ocupacional, a docência e o feminismo sob a luz de Rago e Foucault permite-nos compreender que a emancipação social começa no **corpo a corpo**. Ao cuidar do que o mundo não quis ver, exercemos a parrésia; ao transformar esse cuidado em prática educativa, criamos mundos possíveis. Este artigo é, portanto, um convite ao respiro: uma aposta de que, mesmo em meio às brutalidades do presente, a união entre ética, estética e política pode produzir a transformação que tanto buscamos.

Portanto, o cuidado em Terapia Ocupacional deve visar, necessariamente, a emancipação social. Cuidar, neste contexto, é o ato político de produzir subjetividades livres, capazes de criar novos sentidos para a vida para além das normas que as tentam sufocar. A resposta a essa homofobia acadêmica não é a retração, mas a construção de uma prática que transforme a "neutralidade" em uma presença autêntica. Se o mundo não quis ver certas dores ou existências, a docência encarnada as coloca no centro, recusando-se a produzir corpos apenas funcionais para o capital e optando por cultivar sujeitos que desafiem as estruturas que os tentam silenciar.

Ao final, o que se propõe é uma docência que não teme o afeto. Como afirma a trajetória da autora, o desejo de autenticidade e a prioridade em estudar a população LGBTQIAPN+ dentro da profissão não são apenas "temas de doutorado", mas fractais de uma mesma matriz ética. Que a sala de aula seja, portanto, esse respiro — um espaço-tempo onde a dureza da realidade atual seja confrontada pela suavidade do cuidado, permitindo que a potência dos encontros transforme, de fato, alunos e professores em agentes de uma nova política da vida.

Conclui-se, portanto, com a aposta de que o cuidado e a docência permaneçam como territórios férteis para **"florescer e amar sem temer"**. Que a potência dos encontros continue a transformar a dureza do mundo em possibilidades de criação, e que cada profissional em formação aprenda que a técnica mais refinada é aquela que sabe sustentar a vida onde ela quase não cabe. A arte da docência lésbica-feminista é, enfim, a fresta necessária por onde o impossível respira, transformando a sala de aula em um espaço-tempo de produção de re-encantamentos e transformações.

Que este texto sirva como um respiro e um manifesto: a docência lésbica-feminista na Terapia Ocupacional é a prova viva de que **ensinar é um modo de cuidar do futuro**.

Entre o toque físico do manejo e o toque simbólico da palavra, seguimos inventando mundos onde a nossa presença não seja apenas tolerada, mas celebrada como a força motriz de uma educação — e de uma saúde — verdadeiramente libertadoras, pois, como nos ensina esta escrita de si, o essencial não se captura em dados estatísticos, mas se sente na vibração de uma escuta que, ao acolher o outro em sua totalidade dissidente, reconstrói o mundo que as brutalidades tentaram destruir.

Se a norma é o muro, nossa docência é a trepadeira que o fende; se o silêncio é a regra, nossa voz é a parrésia que o explode.

Referências

DEPOLE, B. F. **O Cuidado e a Saúde Mental de LGBTQIA+: As Contribuições da Terapia Ocupacional**. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – UFSCar, São Carlos, 2023.

DEPOLE, B. F. **Processos de vida e de luta cotidiana: A Terapia Ocupacional no Cuidado em Saúde Mental à população LGBTQIA+**. Bauru: Gradus Editora, 2024.
FERIGATO, S. H. Prefácio. In: DEPOLE, B. F. **Processos de vida e de luta cotidiana**. Bauru: Gradus Editora, 2024.

FOUCAULT, Michel (1994). *Dits et écrits* (Vol. 4). Paris: Gallimard

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. Ética,Sexualidade,Política. Rio dejaneiroeiro: ForenseUniversitária; 2004. 1984, A ética do cuidado de si como prática da liberdade. pág. 264-87.
Foucault,M. História da sexualidade 1:UMlivrede saber. Rio de Janeiro, Graal, 1999.

FOUCAULT, M. História da sexualidade2: Ousodosprazeres. RiodeJaneiro, Graal, 2006.

Foucault, M. História da sexualidade 3: Ocuidado de si. Rio de Simnero, Graal, 2007.

FOUCAULT, M. História da sexualidade 3:Como confissõesda carne. Menosaveuxde a cadeira Paris: Gallimard, 2018

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). Pistas fazer método da cartografia: pesquisa- intere produção de subjetividade.PortoAlegre: Sulina, 2009.

RAIMONDI, G. A. Corpos que (não) importam na prática médica: uma autoetnografia performática sobre o corpo gay na escola médica. 2019. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2019.

RAGO, Margareth. *Escritas de si, parrésia e feminismos*. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 115-128.

Recebido em abril de 2026.

Aprovado em julho de 2026.